

UNIVERSIDADE SAGRADO CORAÇÃO

**AMANDA CRISTINA MAGESTE
LUCIANA PIRES BICHUETTE**

**A MELODIA CRÍTICA DE CHICO BUARQUE E SEU
PAPEL NA COMUNICAÇÃO**

BAURU
2012

**AMANDA CRISTINA MAGESTE
LUCIANA PIRES BICHUETTE**

**A MELODIA CRÍTICA DE CHICO BUARQUE E SEU
PAPEL NA COMUNICAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Hab. Jornalismo sob orientação da Prof. Sandra Mara Faria Firmino.

**BAURU
2012**

M192m

Mageste, Amanda Cristina

A melodia crítica de Chico Buarque e seu papel na comunicação / Amanda Cristina Mageste, Luciana Pires Bichuette -- 2012.

28f.

Orientadora: Prof. Esp. Sandra Mara Faria Firmino.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo) – Universidade Sagrado Coração – Bauru – SP.

1. Chico. 2. Comunicação. 3. Documentário. 4. Jornalismo. I. Bichuette, Luciana Pires. II. Firmino, Sandra Mara Faria. III. Título.

**AMANDA CRISTINA MAGESTE
LUCIANA PIRES BICHUETTE**

**A MELODIA CRÍTICA DE CHICO BUARQUE E SEU PAPEL NA
COMUNICAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Hab. Jornalismo sob orientação da Professora Sandra Mara Faria Firmino.

Banca examinadora:

Prof. Esp. Sandra Mara Faria Firmino
Universidade Sagrado Coração

Prof. Esp. Sebastião Clementino da Silva
Universidade Sagrado Coração

Prof. Ms. Fábio José de Souza
Universidade Sagrado Coração

Bauru, 25 de junho de 2012.

Dedicamos este trabalho aos nossos pais, professores e orientadora.

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo explicar sobre a importância da comunicação em sua essência, com suas várias formas, meios e evoluções e como sua força pode influenciar pensamentos e ideias. Além de ressaltar o valor do documentário, que, por relatar a realidade ainda que de forma parcial, divulga e gera informações e conhecimento, conscientizando o público, como consequência. Para confirmar tais benefícios para o jornalismo, produziu-se um documentário, o qual tem como tema Chico Buarque de Hollanda, que representa o Brasil, por sempre defender a democracia e a liberdade, através de suas músicas com críticas ao governo e que moveram multidões e a política brasileira. Utilizou-se as pesquisas qualitativa e bibliográfica, pois buscou-se compreender e descrever o fenômeno Chico Buarque através de pesquisa em documentos sobre a vida do cantor.

Palavras-chave: Chico. Comunicação. Documentário. Jornalismo

ABSTRACT

The main objective of this work was to explain the relevance of communication in its essence, in its several formats, means and evolutions and how it can influence peoples' thoughts and ideas. Additionally it is highlighted the significance of factual films, that by transmitting reality even if only partially, also spread information, generates knowledge, and increase public awareness, as a consequence. To confirm such benefits of factual films for journalism, a documentary was produced in which the main theme was the artist Chico Buarque de Hollanda, who is also known in Brazil for supporting democracy and freedom mainly through his politically committed music, which inspired people and influenced Brazilian politics. Qualitative and bibliographic research was used, because the objective was to understand and describe the phenomenon Chico Buarque through research within records about his life.

Keywords: Chico. Communication. Documentary. Journalism

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.2	OBJETIVOS	8
2	A COMUNICAÇÃO E SUA ESSÊNCIA	9
2.1	MEIOS DE COMUNICAÇÃO	12
2.2	TELEVISÃO	13
3	PRINCÍPIOS DO DOCUMENTÁRIO	15
3.1	O DOCUMENTÁRIO COMO MEIO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO ..	16
4	A MELODIA CRÍTICA DE CHICO BUARQUE E SEU PAPEL NA COMUNICAÇÃO	18
4.1	CHICO SEM CENSURA	20
4.2	A MÚSICA E SUA BOSSA	21
4.3	MÚSICA E COMUNICAÇÃO	23
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
	REFERÊNCIAS	26
	ANEXO	28

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho buscou um estudo sobre a comunicação, pois a partir dela, suas várias fases e evoluções, foi que surgiu o Jornalismo. Com o crescimento da tecnologia e novas formas de se pensar, dialogar, a comunicação pôde alcançar novos meios para se comunicar e alterações aos já existentes. Além disso, é importante, por expressar ideologias, promover debates, criar consciência crítica, adquirir e repassar novos conhecimentos.

Uma das formas de se comunicar abordando-se um conteúdo de qualidade, construindo e divulgando conhecimentos, é o documentário, que ainda tem a possibilidade de desenvolvimento de uma participação ativa de uma determinada comunidade a partir da utilização do gênero, como no caso, no gênero jornalístico.

Optou-se por defender e estudar o documentário em nosso trabalho de conclusão de curso, por ser um importante instrumento de conscientização da população e conhecimento real dos fatos, de maneira da qual possa compreender os passos da construção daquela realidade, além de absorver as informações. Assim sendo, é realçado o papel da televisão e do jornalismo, permitindo que as informações sejam difundidas ao desenvolvimento crítico da sociedade, através do documentário.

O tema escolhido para a elaboração do documentário foi o Chico Buarque e seu poder de comunicação, pois ele representa o Brasil e sua evolução democrática. Esta participação frequente de Chico na política brasileira ocorreu devido às suas muitas canções, que continham como tema a época da ditadura em 1964, em que predominava a censura, momento em que vários compositores foram exilados.

Apesar disso, Chico Buarque possuía forte influência sobre os jovens revolucionários, que se dava por seu grande poder de comunicação, através das músicas que se caracterizavam por serem contrárias ao regime, despertando várias pessoas para a realidade, unindo um país pelos mesmos ideais, criando uma nova esperança aos brasileiros que já a haviam perdido e deixando marcas na história do Brasil.

Diante disso, procuraou-se entender o motivo de Chico ter influenciado e mobilizado tanta gente com suas canções através de depoimento de fãs, conhecedores da música, livros, site oficial do cantor e artigos.

Utilizou-se as pesquisas qualitativa e bibliográfica, pois buscou-se compreender e descrever o fenômeno Chico Buarque através de pesquisa em documentos sobre a vida do cantor.

1.2 OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Pesquisar sobre o documentário e sua importância para a comunicação, sua capacidade de expressar e gerar conhecimento a partir da reprodução do real, enfatizando sua importância para o jornalismo.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Produzir um documentário sobre Chico Buarque de Hollanda, que, por compor músicas que continham temas políticos, mesmo que camuflados, tinha o poder de comunicação perante a população.

2 A COMUNICAÇÃO E SUA ESSÊNCIA

A comunicação foi e é muito importante para a evolução do ser humano, e foi a partir dela que surgiu o Jornalismo e seus gêneros, portanto é essencial que conheçamos sua origem e história.

A definição da palavra comunicação, segundo o Dicionário Aurélio é o “ato ou efeito de transmitir mensagens por meio de métodos e/ou processos convencionados em uma linguagem verbal ou não-verbal”.

O ato de se comunicar é a ação de pôr em comum algo a ser compartilhado, alguma informação que deve ser transmitida e merece destaque para que outras pessoas tenham acesso a ela e que possam dar algum tipo de *feedback* – retorno da informação. Segundo Sousa,

a raiz etimológica da palavra comunicação é a palavra latina *communicatio*, que, por sua vez, deriva da palavra *commune*, ou seja, comum. *Communicatio* significa, em latim, participar, pôr em comum ou ação comum. Portanto, comunicar é, etimologicamente, relacionar seres vivos e, normalmente, conscientes (seres humanos), tornar alguma coisa comum entre esses seres, seja essa coisa uma informação, uma experiência, uma sensação, uma emoção, etc. (2006, p.22).

Para Figueiredo e Giangrande (1999), a comunicação se deu pela necessidade de o homem codificar seus sentimentos. A fala e a escrita foram criadas pelo homem, pois elas não vieram com ele desde o nascimento. E apesar de somente a raça humana ir além da comunicação natural, os animais também a utilizam para sobreviver, utilizando gestos, sons e rituais.

Portanto, o ato de se comunicar é imprescindível na vida de qualquer um, é uma forma de sobrevivência, seja dos animais ou dos seres humanos. Há diversas formas de comunicação entre as pessoas, como: Verbal (através da fala), Não-verbal (não utiliza as palavras e sim simbologia), Linguagem Corporal (através de gestos, foi a primeira forma de comunicação, e, até hoje, é bastante utilizada, complementando as falas) e Comunicação Mediada (utilização de algum aparato para se comunicar).

A comunicação também é bastante eficaz com a linguagem corporal e com o tom que usamos quando vamos falar; os gestos, atitudes e fisionomias, transmitem muito em relação ao que pretendemos passar a outras pessoas. É visível quando alguém está feliz, triste, estressada, impaciente, irritada, etc, pois a entonação e os gestos acompanharão nossos sentimentos ao conversarmos com alguém. Figueiredo e Giangrande concluem:

O que define o verdadeiro significado das palavras é a forma como as entoamos ou as escrevemos. Mas não só através das palavras procedemos à comunicação. Nossas atitudes e gestos ao falar transmitem grande parte do que pretendemos expressar. Se ficamos ruborizados enquanto falamos estamos transmitindo um claro sinal de desconforto diante daquela situação. Diante de situações de estresse temos a tendência de nos comunicar de forma condizente com a situação que estamos vivenciando naquele momento. Portanto, nossa atitude e aparência significarão muito mais nessas situações do que as próprias palavras. (1999, p. 30)

Segundo Medeiros (2010), para uma boa comunicação, é necessária uma interatividade entre as partes, pois assim, a mensagem será passada de forma clara e ocorrerá a interpretação correta. “Tornar comum, trocar opiniões, fazer saber; implica interação, troca de mensagens. É um processo de participação de experiências, que modifica a disposição mental das partes envolvidas”, argumenta.

Para Wolton (2006), a comunicação serve como liberdade e compreensão do mundo, fazendo com que o homem esteja aberto a conhecer tudo à sua volta e isso que faz com que o livro, a imprensa, o telefone, a internet e o rádio sejam um verdadeiro sucesso desde o século XVII. O autor ainda ressalta que a comunicação faz o homem ser livre, mas acima de tudo faz com que ele reconheça o outro como seu igual.

Segundo as pesquisadoras Amanda Mageste e Luciana Pires, a liberdade vai além de crenças, cultura, política, sexualidade, etc. Ela está relacionada com o fato de poder expressar-se livremente, sem punições ou limites, tornando qualquer ambiente mais democrático. Os meios de comunicação, quanto mais evoluem, mais facilitam a liberdade, devido ao maior espaço para tal.

Há alguns tipos de comunicação que podem ser analisados abaixo,

Quando comunicamos intencionalmente para influenciar, entramos no domínio da comunicação persuasiva, a que se recorre, por exemplo, na publicidade e propaganda, mas também na comunicação interpessoal. Quando informar é o objectivo principal, circunscrevemo-nos ao domínio da comunicação informativa, normalmente patente no jornalismo, por exemplo, mas também quando pedimos informação a alguém, no âmbito da comunicação interpessoal. Quando entreter é o objectivo principal da mensagem, falamos de comunicação de entretenimento, observável, por exemplo, na ficção audiovisual, ou quando alguém conta uma anedota num grupo de amigos. Quando comunicamos as tradições da nossa cultura, por exemplo, através da música, do folclore ou do artesanato, é de comunicação popular que se trata. (SOUSA, 2006, p. 26)

Para que ocorra perfeitamente o processo de comunicação, são necessários, pelo menos, um emissor, um receptor, um canal, o código e o contexto, sem qualquer um desses elementos, não é possível que ocorra o ato de se comunicar.

Emissor: emite e codifica a mensagem

Receptor: recebe e decodifica a mensagem

Canal (meio ou veículo): meio pelo qual é passada a mensagem (exemplo: televisão, carta, telefone, internet, rádio, etc).

Código: signos usados na transmissão da mensagem

Contexto: em que se passa a mensagem

Sendo assim, entende-se que o emissor transmite algo ao receptor por um canal, em um código que ambos entendem num determinado contexto, assim, o receptor fornece um *feedback* (retorno) para que tenham certeza de que a mensagem foi entendida.

É importante convencer o receptor, portanto, o emissor deve transmitir a mensagem de forma clara e sempre procurar por uma resposta, para ter certeza de que a informação passada foi entendida de forma correta, para isso é sempre importante segurar a atenção do ouvinte e falar de forma clara e objetiva para que nada interfira na compreensão da mensagem.

Segundo Medeiros (2010), existem, também, outros elementos que garantem uma melhora no processo de comunicação:

Codificação: processo de transformar o pensamento em forma simbólica.

Linguagem: o modo de comunicação entre os homens (comunicação verbal, não verbal, gestual, corporal, por símbolos, ícones ou sons).

Mensagem (conteúdo): o que é passado de significativo no ato de se comunicar; o que está escrito em um texto e o que é lido num discurso.

Decodificação: é a tradução, feita pelo receptor, dos símbolos que foram enviados pelo emissor. Essa tradução é feita a partir de diversos níveis, como por exemplo, o modo que a mensagem foi passada, e também pelo nível de escolaridade, cultural, econômico, social, etc, do receptor.

Resposta: é o feedback enviado pelo receptor, ou seja, é o retorno da mensagem enviada pelo emissor.

Ruído: tudo aquilo que pode dificultar e interferir na mensagem, ou na percepção desta mensagem, portanto, é o que pode impossibilitar o perfeito entendimento da mensagem durante o transporte para o receptor, fazendo com que informações sejam perdidas antes de chegarem ao destinatário.

A dificuldade na comunicação está na interpretação que cada um faz com o que lhe é passado, pois cada um tem uma percepção diferente das coisas que acontecem, então, a mensagem pode ser interferida conforme as experiências, conhecimento, crenças, sentimentos, valores, etc, que o receptor possui.

Portanto, é necessário que se encontrem os melhores meios para que a mensagem seja passada sem distorção ao receptor e também, é importante um cuidado ao preparar a mensagem para que ela alcance o objetivo, que é o bom entendimento do receptor.

2.1 MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Os meios de comunicação de massa mais utilizados atualmente são: rádio, jornal, televisão e internet. Rüdiger (2003, p.17) afirma que “os meios de comunicação de massa são simplesmente a mediação tecnológica: em suas extremidades se encontram sempre as pessoas, o mundo da vida em sociedade”.

Noblat (2008) afirma que, oficialmente, o primeiro jornal impresso veiculado no Brasil foi o Correio Braziliense em 1808, o jornal foi impresso clandestinamente para que a censura não proibisse (com a vinda da família real ao Brasil, foi proibida qualquer atividade de imprensa) e tratava-se de uma revista doutrinária, defensora da liberdade de imprensa e da Constituinte.

Segundo Calabre (2002), a primeira transmissão de rádio ocorreu no Rio de Janeiro em 1922 e a primeira emissora – Radio Sociedade do Rio de Janeiro – surgiu um ano depois e também foi a pioneira na introdução do jornalismo nas transmissões. Para muitos autores, o auge do rádio foi em 1940 (Anos Dourados da Radio Brasileira). O golpe, em 1964, cassou diversas rádios no Brasil e com isso, elas precisaram mudar, mudando, Calabre (2002, p. 50) argumenta que “as emissoras foram adotando o modelo de rádios locais, com notícias e prestação de serviços, músicas gravadas e esportes”, e com isso, chegaram ao fim os anos dourados no país. Em 1970 surgiu a conhecida FM que acabou ocupando um espaço muito grande na sociedade.

Para Ferrari (2003), a internet se originou nos Estados Unidos, no ano de 1969, chegou ao Brasil em 1989, porém o primeiro serviço de internet comercial foi lançado no Brasil em 1994. O autor afirma que a internet se consolidou no país em 1997 e começou a crescer, sem parar, cada vez mais.

A tecnologia modificou bastante a forma de comunicação entre as pessoas, o que, antes, era resolvido pessoalmente ou através de cartas, o que dava certo trabalho, pois demoravam a chegar e muitas vezes se extraviavam no caminho, hoje, como todos sabem, o ato de se comunicar pode ser instantâneo, através de toda a modernidade que a cada dia cresce mais.

Os meios de comunicação atuam como o canal de transmissão da mensagem, onde os espectadores são os receptores e escolhem quem querem como emissor.

2.2 TELEVISÃO

Dentre todos os meios de comunicação escolheu-se a televisão por ser mais abrangente e construída por imagens e informações faladas, as quais seduzem o telespectador, promovendo uma absorção maior do conhecimento passado no documentário.

Segundo Sodré (1971), a televisão foi implantada, no Brasil, em setembro de 1950 com a inauguração, por Assis Chateaubriand, do canal 3 (Tv-Tupi) e exatamente neste ano, já havia, nos Estados Unidos, cerca de cem estações e doze milhões de aparelhos funcionando.

Mattos complementa que

Os equipamentos para as nossas primeiras emissoras chegaram no ano de 1949, com Chateaubriand iniciando sua instalação sob muito mistério, quase às escondidas, pois ele queria inaugurar a televisão no Brasil antes do México e de Cuba, países que também instalaram a televisão no ano de 1950. (2002, p.171).

O mesmo autor aponta alguns acontecimentos importantes na história da Televisão Brasileira:

- 1956: a audiência da televisão atingia cerca de um milhão e meio de telespectadores;
- 1962: a televisão já absorve 24% dos investimentos publicitários do país, foi promulgado o Código Brasileiro de Telecomunicações;

- 1966: uma portaria do Serviço de Censura Federal enumerava exemplos dos assuntos e situações que estavam proibidos e não podiam ser transmitidos;
- 1970: transmissão ao vivo da Copa do Mundo;
- 1972: primeira transmissão oficial em cores;
- 1980: final da censura oficial no telejornalismo
- 1987: a TV atinge uma marca de noventa milhões de telespectadores, equivalente a 63% da população brasileira;
- 1988: o Brasil ganhou a sua primeira legislação específica de TV a cabo. Trata-se do Decreto nº 143, autorizando a simples recepção de sinais através de uma antena coletiva e sua redistribuição por cabo;
- 1990: a televisão brasileira completou quarenta anos, demonstrando ter atingido, com sua criatividade, uma maturidade que a tornou capaz de competir no exterior, ampliando as exportações de seus programas;
- 1991: é implantado o sistema de televisão por assinatura;
- 1994: o Brasil é interligado à rede mundial de fibras óticas;

Castro (2009) também coloca a TV Digital, lançada no Brasil em 2007, como um acontecimento marcante na cronologia da televisão Brasileira.

É importante ressaltar que a televisão é um meio de comunicação muito importante que atinge milhões de pessoas diariamente, portanto, é um dos veículos essenciais e mais usados no país.

3 PRINCÍPIOS DO DOCUMENTÁRIO

O documentário surgiu no início do século XIX e se criou a partir da característica original do cinema de registrar os acontecimentos cotidianos das pessoas e animais, conhecido também como cinema verdade.

É um gênero audiovisual utilizado como forma de expressão da sociedade e registro dos acontecimentos, onde a linguagem mais aprofundada no tema escolhido e o maior tempo para a sua produção e exibição, facilitam a compreensão dos espectadores. Além disso, interpreta e comenta um fato, um ambiente ou uma determinada situação, mas, assim como a ficção, o documentário é uma representação parcial da realidade.

Segundo Bairon (2012), Dziga Vertov (1896-1954) autor do documentário reflexivo “O Homem com uma Câmera” foi quem teorizou pela primeira vez o filme documentário, enfatizando a ideia de que o olho da câmera é mais fiel à realidade que o olho humano.

Para muitos autores, inclusive para Collen (1995), Jean Rouch foi um dos fundadores do cinema-verdade, influenciado por Dziga Vertov, e foi fonte de inspiração e referência para os realizadores da Nouvelle Vague (um movimento artístico do cinema francês que transgredia as regras normalmente aceitas para o cinema mais comercial). Foi Presidente da Cinemateca Francesa durante cinco anos (1986 a 1991), laureado com o Prêmio Internacional da Paz e a sua obra coroada com várias recompensas de prestígio.

Segundo França *apud* Migliorin (org.) (2010) as raízes das artes como a pintura, a poesia, o futurismo, o surrealismo, o construtivismo, no campo do cinema documentário não são novas. Jean Vigo, Dziga Vertov, Joris Ivens, Alberto Cavalcanti, Luis Buñuel são realizadores presentes na história do cinema, que viram no procedimento da montagem, no ritmo da imagem e na fotogenia, uma forma de tirar os objetos e as coisas da sombra da indiferença, transformando-os em expressões poéticas e cinematográficas.

O documentário então, se destaca pelo papel ativo e assertivo da câmera na situação de filmagem, que extraem uma dimensão poética, trabalhada, sobretudo, na edição, momento de reconhecimento da intervenção do filme e parcialidade e interpretação do real.

3.1 O DOCUMENTÁRIO COMO MEIO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

O documentário abrange conceitos em torno da realidade, objetividade e verdade. É o gênero do cinema que mais se aproxima do jornalismo eletrônico. Apesar de ter como característica transformar o básico em espetáculo cinematográfico, não deixa de ter sua subjetividade e marca do autor.

No caso de um documentário jornalístico a produção deve obter documentos como registro, englobar tanto a linguagem como a prática jornalística, o uso de imagens ficcionais ou não, a partir de montagens, a não obrigatoriedade da narração e um estudo aprofundado sobre o assunto.

Barsam *apud* Sacrini define documentário como “filmes que registram, em película, fatos que ocorrem naturalmente em frente à câmera ou que são reconstruídos com sinceridade e por necessidades devidamente justificadas”.

Para Puccini (2009), a exploração da entrevista tem a capacidade de criar um personagem que se revela na interação com o entrevistador e que a ação dramática está na troca dialógica entre entrevistado e entrevistador a partir do enfrentamento entre os dois.

A Revista *Cinemais* *apud* Xavier afirma que

O que se quer é a expressão original, uma maneira de fazer-se personagem, narrar, quando é dada ao sujeito a oportunidade de uma ação afirmativa. Tudo o que da personagem se revela vem de sua ação diante da câmera, da conversa com o cineasta e do confronto com o olhar e a escuta do aparato cinematográfico. Mas nem sempre esse embate é necessário, já que pode prejudicar o material informativo. (2003, p.223, n. 36, out – dez).

Ainda segundo Puccini (2009), as entrevistas de rua em que o povo tem que falar, marcaram a estrutura do documentário verdade. O exemplo mais conhecido é *Crônica de um verão* (*Chronique d'un été*, 1960), de Jean Rouch e Edgar Morin e no Brasil, Arnaldo Jabor, com *Opinião Pública* (1966). Por se tratar de uma entrevista de risco, é aconselhável que as entrevistas de rua (“Fala povo”) tenham uma boa justificativa para o documentário.

Senra *apud* Migliorin (Org.) (2010) afirma que o objetivo das perguntas de documentário é tirar o máximo de informações do entrevistado e, através do contato, obter inúmeros resultados possibilitado até uma reutilização do conteúdo.

Para Migliorin (2010), o documentário contemporâneo é sinônimo de multiplicidade, algo indefinível que transforma e retoca o real, inventa outros mundos e a arte do humano.

Une a cena do realizador, a cena do filmado, a cena do espectador e assim, cada cena dialogando com múltiplas forças, a fim de promover uma reflexão e contato com outras vidas e outros espaços.

As autoras Melo, Gomes e Moraes (2001) afirmam que,

O documentário é um gênero pouco frequente nos canais abertos de televisão, com exceção das TVs educativas. Acreditamos que isso se dá porque nas TVs comerciais o ritmo da produção jornalística é pautado, prioritariamente, pela informação factual e pelo imediatismo na transmissão da informação. Isso dificulta o investimento na produção de documentários, gênero jornalístico mais atemporal e que requer uma pesquisa mais aprofundada e detalhada do tema a ser abordado. (p.4).

Portanto, os documentários não são exibidos frequentemente nos canais abertos pelo fato de não serem tão objetivos e ágeis, necessitando de um maior investimento e tempo.

O caráter autoral é uma das principais características do documentário, então, o documentarista pode deixar de lado a imparcialidade tão comum nos gêneros jornalísticos e adotar a parcialidade, expondo suas opiniões claramente sem sofrer qualquer punição.

Um documentário de qualidade deve se sustentar pela prática jornalística, obter o registro de imagens e depoimentos com poder discursivo, o caráter autoral, os recursos ficcionais, uma pesquisa aprofundada e ser envolvido pela credibilidade, mesmo que permaneça o espetáculo cinematográfico, capaz de transformar a realidade.

Podemos afirmar que o documentário é uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas), para as quais olhamos (nós, espectadores) em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa (RAMOS, 2008, p. 22).

Portanto, o documentário consiste em imagens e sons que, independente do tema, deve segurar a atenção do espectador, ter boa qualidade e bastante criatividade.

4 A MELODIA CRÍTICA DE CHICO BUARQUE E SEU PAPEL NA COMUNICAÇÃO

Segundo o site oficial do cantor, Francisco Buarque de Hollanda, o quarto filho do sociólogo e historiador Sérgio Buarque de Hollanda e da pianista Maria Amélia Cesário Alvim, nasceu no dia 19 de junho de 1944 no Rio de Janeiro, mais especificamente na Maternidade São Sebastião, no Largo do Machado. Em 1946 a família se mudou para São Paulo, onde o pai assumiu a direção do Museu do Ipiranga. Possui sete irmãos ao todo: Heloísa (Miúcha), que é cantora e compositora, Sérgio, professor e economista, Álvaro, advogado, Maria do Carmo (Pii), fotógrafa, Ana Maria (Baía), cantora e ministra da Cultura (cargo que assumiu em 2011), e Cristina, cantora e uma das grandes conhecedoras do samba deste país.

Segundo Zappa (2011), o nome Buarque de Hollanda não existiria se não fosse Cristóvão, avô de Chico por parte de pai. Já adulto, Cristóvão, pernambucano, foi fazer o seu registro de identidade e decidiu diminuir a série de sobrenomes que herdara dos pais: Paes Barreto Hollanda Cavalcanti Buarque de Gusmão. Foi no seu nascimento que a família Buarque se uniu à família Hollanda.

Chico ficou em São Paulo somente até 1953, quando seu pai teve uma proposta para lecionar na Universidade de Roma, e toda a família mudou-se para a Itália, onde o músico compôs e encenou – com suas irmãs - suas primeiras marchinhas de Carnaval.

Zappa (2011) conta ainda que antes de se mudar, Chico Buarque já mostrava interesse pela música e sabia que seria cantor, se despediu de sua avó com um bilhete que já profetizava seu sucesso: “Vovó, você está muito velha e quando eu voltar, eu não vou ver você mais, mas eu vou ser cantor de rádio e você poderá ligar o rádio do Céu, se sentir saudades”. Em 1957 a família volta para o Brasil. Em 1958, surgiu um interesse pela literatura e, influenciado por um professor, começou a fazer parte do movimento religioso “Ultramontanos”, que fez com que seu interesse por futebol desse lugar às missas.

Ainda para a autora, o interesse pela música aumentou em 1959, quando Chico começou ouvir sambas tradicionais da época e canções estrangeiras. João Gilberto foi essencial para que o cantor entrasse de vez no mundo da música. Ouvia repetidamente a música “Chega de Saudade” de João Gilberto e neste mesmo ano, começou a tocar violão sozinho, ouvindo e tentando imitar os cantores da época, compondo sua primeira canção: “Canção dos Olhos”.

Segundo o site oficial, começou, em 1961, a escrever suas primeiras crônicas para o Jornal Verbâmidas (nome criado por ele mesmo), do Colégio Santa Cruz. E sonhava vê-las publicadas em grandes jornais. Um fato curioso de sua vida foi sua primeira aparição na imprensa, que ao contrário do que se pensa, não foi relacionada a seu trabalho, mas sim, por ter roubado, com seus amigos, um carro para dar voltas em São Paulo, o que era comum naquela época. Por conta disso, uma juíza decretou que ele só poderia sair sozinho à noite depois que completasse 18 anos.

Em 1963 ingressou na FAU – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, onde cursou por três anos e abandonou. Já em 1964, Chico se apresentou pela primeira vez em um show, no Colégio Santa Cruz.

Zappa (2011) afirma que em 1965, lançou seu primeiro compacto com Pedro Pedreiro e Sonho de Um Carnaval, fez músicas para o poema Morte e vida Severina (ganhou os prêmio de crítica e público no IV Festival de Teatro Universitário de Nancy, França), de João Cabral de Melo Neto. Conheceu nesse ano também, Gilberto Gil e Caetano Veloso, que se animou muito ao ouvi-lo cantando “Olê, Olá” num show estudantil.

Segundo Homem (2009), Sérgio Buarque de Holanda diz que na canção “Pedro Pedreiro”, Chico inventou a palavra: “penseiro”. Talvez inspirado em Guimarães Rosa, que também era dado a inventar palavras”. Anos depois, no DVD Uma palavra, o próprio Chico admitiria:

Teve uma época que eu só lia Guimarães Rosa. Eu queria ser Guimarães Rosa. (...) Quando gravei minha primeira música – hoje eu me envergonho um pouquinho disso, porque é difícil você querer ser Guimarães Rosa - , inventei esse “penseiro”, é claro que pra fazer rima, uma aliteração (...) mas era aquela coisa de achar que pareceria Guimarães Rosa. Parece nada. (HOMEM, 2009, p. 25)

Ainda segundo o autor, seu primeiro casamento (que durou 33 anos) foi com a atriz Marieta Severo, em 1966, com quem teve três filhas: Sílvia, Helena e Luísa e que lhe renderam sete netos: Irene, Francisco, Clara, Cecília, Leila, Lia e Teresa.

Nessa época iniciou-se sua gloriosa carreira de músico e compositor. Que antes de conquistar todo seu sucesso, passou por algumas dificuldades e fracassos, para Zappa (2011), o cantor sempre tentou fugir de rótulos:

Na música sempre preferiu estar livre de qualquer rótulo: não quis ser tachado de compositor romântico e lírico, nem de cantor de protesto. Em política sempre evitou ser piegas ou panfletário, resistiu à imposição de ser porta-voz disto ou daquilo, mas nunca se furtou a emprestar sua imagem a uma causa que achasse justa. (p.326).

Altamente sensível e com o propósito de mudar o país, Chico destacou-se pelas melodias com a cara do Brasil.

4.1 CHICO SEM CENSURA

Homem (2009) afirma que o golpe de 64 que depôs o presidente João Goulart jogou um balde de água fria na efervescência política que o jovem vivia no ambiente universitário. Decepcionado, ele se voltava cada vez mais para a música e assim começava sua revolução através das canções.

O autor conta ainda que numa sexta-feira, dia 13 de Dezembro, o governo usou como pretexto o fato de a Câmara haver negado o pedido para abrir processo contra o deputado Márcio Moreira Alves por suposta agressão às Forças Armadas e baixa o Ato Institucional nº 5. O Congresso é fechado. Centenas de pessoas são presas, entre elas, o ex-presidente Juscelino Kubitschek, Gilberto Gil e Caetano Veloso. No dia 18 de Dezembro, Chico foi retirado de dentro da sua casa e levado para o Departamento de Ordem Política e Social (Dops) e depois para um quartel do Exército. Após o interrogatório, foi informado de que deveria comunicar às autoridades militares toda vez que pretendesse sair da cidade. Dali seguiu para Roma, onde deveria gravar um disco e lá ficou até março de 1970. Voltou ao Brasil a convite da gravadora Philips para a produção de um novo disco.

A censura então começou a mostrar suas garras. Com os compositores funcionava mais ou menos assim: o sujeito compunha uma música, ela era enviada para os censores, que analisavam e decidiam se podiam ser gravadas e tocadas em shows ou não. Se eles encontrassem qualquer menção política desfavorável à ditadura ou à moral e bons costumes, a música era proibida de ser veiculada. Dependendo do artista, se este já fosse visto como um “contestador do regime”, seu texto seria lido ao contrário, virado pelo avesso, para confirmar se não continha nada de “errado”.

Para Zappa (2011), a saída para burlar a censura foi a criação de um pseudônimo: Julinho da Adelaide, que nasceu quando Chico Buarque passou a ser muito conhecido entre os censores do regime militar, na década de 70, já que suas músicas eram proibidas somente porque levavam sua assinatura. Julinho tinha entre suas características, ser a favor da censura e ter cursado apenas o ginásio, além de não ler jornais ou revistas. Tudo isso para ganhar simpatia dos censores, pois além de ser abertamente a favor da ditadura, não tinha estudo, e como pode uma pessoa que não tem estudo, além de ser alienada, ter opinião formada contra a

ditadura? Acorda amor, Jorge maravilha e Milagre brasileiro passaram pela censura sem maiores problemas. O plano deu certo.

Chico fala sobre a censura para Geraldo Leite, da rádio Eldorado, em 1989:

A censura prévia que valia pra teatro valia para letras de músicas também. Antes de gravar qualquer música tinha que mandar a letra pra censura federal. E esperar até a volta dessa letra, com carimbo e assinatura do chefe de censura. O que, aliás, provocava problemas graves porque gerava uma burocracia muito grande, atrasos... As letras se perdiam no meio do caminho. Os produtores ficavam desesperados. Era um atraso de vida danado. (HOMEM, 2009, p. 264).

Zappa (1999) afirma que sempre pesou sobre Chico a influência que tinha no meio artístico, onde um gesto seu bastava para a mobilização de todos. Foi um dos principais idealizadores dos shows do Primeiro de Maio, que reuniam cantores e artistas para arrecadar fundos para sindicatos ou campanhas sociais. A participação política de Chico no cenário nacional se deu sempre que ele achava necessário se manifestar. E nunca fugiu disso. De resto, prefere se recolher e se abster de falar sobre política.

Zappa (1999) conta que quando começaram as manifestações pelas eleições diretas no Brasil, Chico voltou a aparecer. O primeiro ato pelas eleições diretas se deu em São Paulo, em janeiro de 1984. Quando aconteceu o grande comício pelas Diretas Já, que reuniu mais de um milhão de pessoas na Candelária, no Rio de Janeiro, Chico estava lá, no palco, ao lado de Darcy Ribeiro, Lula, Brizola, Tancredo Neves, Ulysses Guimarães, Franco Montoro, Teotônio Vilela, artistas e intelectuais. O compositor emprestava seu nome e sua imagem às campanhas, mas não aceitava que se cobrasse do artista participação ideológica em sua vida profissional. Dizia que a pressão contra o posicionamento político nunca o inibira, mas não suportava a cobrança.

Com isso, Chico Buarque se destacava cada vez mais no cenário musical e político do Brasil e conseguiu unir um país em prol da música, da comunicação e da luta por uma nação politizada e consciente.

4.2 A MÚSICA E SUA BOSSA

De acordo com Severiano (2008), para a maioria dos críticos, o movimento musical da Bossa Nova surgiu em 1958 com a canção “Chega de Saudade”, composta por Tom Jobim e Vinícius de Moraes e interpretada pelo violinista João Gilberto, que foi descoberto por Roberto Menescal.

Ainda o mesmo autor afirma que a famosa dupla da bossa nova, composta por Tom Jobim e Vinícius de Moraes, surgiu em 1956, quando Vinícius precisava, com urgência, de alguém para compor as músicas de um espetáculo (Orfeu da Conceição), então eles se juntaram para musicá-lo e fizeram uma importante parceria na bossa nova e na música brasileira em geral.

O novo estilo não é um gênero musical, para Severiano (2008), veio com uma nova forma de tratar a música, mais alegre e otimista, com um novo ritmo, nova batida, uma melodia mais moderna e requintada e nova forma de tocar e cantar – no lugar da valorização da “grande voz”, ocorreu o desenvolvimento do canto falado que vinha acompanhado de um ritmo mais suave no violão, não com uma levada tão forte como acontecia com o samba. É derivado do samba com forte influência do jazz americano.

Segundo Lyra (2008) a Bossa Nova não deve ser considerada somente como um samba, pois ela se inspira em muitos ritmos brasileiros, portanto pode ter muitos formatos, como: samba, choro, samba-canção, marchinha, entre outros. Naves (2001) acredita que a Bossa Nova seja algo diferente:

Os músicos vinculados à Bossa Nova inventaram um ritmo e harmonia inusitados para a época, rompendo com um tipo de sensibilidade há muito arraigada na canção popular brasileira e que se consolidou nos anos 50: a que se associava ao excesso, nas suas mais diferentes manifestações. Toda uma tradição da música popular foi rejeitada pelos bossa-novistas. (p. 10).

Segundo Severiano (2008 p. 331), “Além de nomear um gênero musical, ou melhor, um tipo de samba, a bossa nova é principalmente, como o choro, um estilo, uma maneira de tocar, harmonizar ou cantar qualquer composição”.

Barbosa (2008) afirma que a expressão Bossa Nova veio do termo que era utilizado na época que significava novidade; quando alguém fazia algo novo, dizia-se que a pessoa tinha bossa, portanto, as pessoas que estavam nesse meio gostaram da junção das palavras e acabaram adotando este nome.

Os artistas brasileiros acreditavam que o país poderia influenciar todo o mundo, por isso, utilizaram o movimento da Bossa Nova para a internacionalização da música brasileira, e, apesar de ser incompreendida no início, segundo Santos (2007), depois de firmar-se aqui no Brasil, acabou ganhando espaço em muitos países, principalmente no mercado americano, influenciando e transformando a criação musical.

Para Severiano (2008), em 1962 esse movimento se consagrou internacionalmente com uma apresentação na mais tradicional sala de concertos de Nova Iorque, o Carnegie Hall. A apresentação contou com mais de três mil pessoas aplaudindo muito os brasileiros comandantes do espetáculo e o Governo Brasileiro recebeu informação de que cerca de 300 pessoas de toda a América do Norte estavam fazendo a cobertura do espetáculo – repórteres, fotógrafos, cinegrafistas e críticos – o que, certamente, ajudou a garantir toda a repercussão que teve o concerto.

4.3 MÚSICA E COMUNICAÇÃO

A música também é um meio de se comunicar; ela pode alterar os estados emocionais humanos, passar mensagens, é uma forma de expressão e é necessário interpretação. É interessante lembrar que ela passa pelo processo de comunicação, sendo que: o emissor é o cantor e/ou compositor, o receptor é o ouvinte, o código é a música e o canal é o meio pelo qual o emissor está ouvindo a canção.

Segundo Figueiredo e Giangrande (1999), até nos antigos registros históricos deixados pelo homem, há dados que a música tinha o seu significado no processo de comunicação, para comemorar acontecimentos de importância relevante, era utilizada música primitiva, que era a reprodução de sons da natureza imitados pelos homens.

O autor ressalta que “o som faz parte da vida dos seres humanos muito antes de seu nascimento. Ainda no ventre materno o som musical das batidas do coração da mãe faz com que o ser humano se acostume com o ritmo contínuo e acalentador” (p.23), portanto, o som é uma das primeiras formas de comunicação entre mães e filhos.

Dantas (2005) afirma que “na música a relação figura-fundo é facilmente notada no campo harmônico, na relação entre uma nota e outra de um acorde, por exemplo, mas a canção popular tem na melodia cantada seu principal elemento expressivo”. (p.67).

O processo de decodificação de uma mensagem musical é bem mais simples do que a decodificação de uma mensagem falada ou escrita. Sendo a música natural, da qual o ser humano faz parte mesmo antes de seu nascimento, ela está inserida no contexto humano. A música faz parte do DNA da natureza humana. Mesmo assim, a decodificação de uma mensagem musical sofre a interferência humana de quem a decodifica, ou a interpreta. O compositor, ao criar a música para representar sua emoção, dá ao artista que irá tocá-la a oportunidade de manifestar também seus sentimentos através da interpretação. (FIGUEIREDO e GIANGRANDE, 1999, p.24).

O compositor acaba criando uma relação com a pessoa que está ouvindo sua música, pois ele passa ao ouvinte sua canção esperando que ele interprete da maneira que entender que é certo.

No caso do nosso personagem de estudo, Chico Buarque, é muito visível a forma de comunicação dele com a música, fazendo canções que atingem muitas pessoas, como por exemplo, canções com objetivo político, como era feito na ditadura, com a censura ele e muitos brasileiros não podiam expressar seus pensamentos políticos e suas críticas, mas ele conseguiu uma alternativa para criticar o poder e se comunicar com a população (utilizando o pseudônimo Julinho da Adelaide), fazendo com que o povo entoasse suas músicas como uma forma de protesto à ditadura.

Portando, Chico foi um dos músicos que mais conseguiu se comunicar com o público, sem nem mesmo conversar com eles, somente através de suas canções.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou um maior entendimento sobre os meios de comunicação mais utilizados pelo homem, o poder da música no ato de se comunicar e a importância do poder de comunicação, que está presente em todos os momentos da vida do ser humano, facilitando a troca de informações e conhecimentos entre as pessoas e foi a partir dele que surgiu a profissão do jornalista.

A definição do documentário também foi abordada para facilitar o andamento do trabalho, pois o objetivo final foi a preparação de um documentário, portanto, foi essencial o aprofundamento no estudo sobre documentário, além disso, a utilização desse gênero jornalístico é muito importante para melhorar a compreensão dos espectadores e para uma melhor interação entre o autor e o público-alvo.

Foi importante estudar e pesquisar sobre o início da história da Bossa Nova, para melhor abordar o tema escolhido – a música como o poder de comunicação de Chico – e conhecer mais sobre a vida, história e inspirações do protagonista de nosso documentário.

Escolheu-se, especificamente, o trabalho de Chico Buarque na época da ditadura (1964), pois foi a fase que mais o consagrou e o tornou conhecido, não só por suas melodias poéticas, mas também pela sua melodia crítica. Também buscamos diversas fontes para entrevistas e com isso, o documentário ficou mais rico de informações.

Para a elaboração do documentário foi necessária uma pesquisa minuciosa, através de livros e sites, que foram de suma importância para a definição do que seria tratado no vídeo, portanto, a pesquisa bibliográfica foi essencial para que o documentário ficasse completo, e com ela foi possível entrarmos na vida de Chico e conhecermos seu grande universo.

REFERÊNCIAS

BAIRON, Sérgio. Os movimentos da estética: o cinema de Dziga Vertov como reflexão à Hipermídia. **Revista Universitária do Audiovisual**, São Carlos, 48 ed., maio 2012. Disponível em: <http://www.ufscar.br/rua/site/?p=613&fb_source=message>. Acesso em 08 jun. 2012.

BARBOSA, Camila Cornutti. **A Bossa Nova, seus documentos e articulações: um movimento para além da música**. [S.I.]: Unisinos, 2008. Disponível em: <http://bdtd.unisinos.br/tde_arquivos/6/TDE-2009-01-12T091603Z-666/Publico/CamilaBaborsaComunicacao.pdf> Acesso em: 06 jun. 2012.

CALABRE, Lia. **A Era do Rádio**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CASTRO, Cosette. **A Pesquisa Sobre TV Digital no Brasil: A Primeira Geração**. Revista Intercom. 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/bibliocom/um/pdf/cosettecastro.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2012.

CHICO BUARQUE. Site Oficial. Disponível em <<http://www.chicobuarque.com.br/vida/vida.htm>> Acesso em: 02 dez, 2011.

COLLEN, Jean-Paul. **Entrevista Jean Rouch: 54 anos sem tripé**. In Cadernos de Antropologia e Imagem, vol.1, Rio de Janeiro: UERJ, 1995.

DANTAS, Danilo Fraga. **Qualquer Bobagem (Sobre os Mutantes): Uma Análise do Primeiro Álbum dos Mutantes Como Ponto de Conciliação entre o Rock e a MPB**. Salvador, 2005. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/pex/2004_2/DaniloFraga.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2012.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. São Paulo: Contexto, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988,

FIGUEIREDO, José Carlos; GIANGRANDE, Vera. **Comunicação sem fronteiras: Da Pré-História à Era da Informação**. São Paulo: Gente, 1999.

HOMEM, Wagner. **Histórias de Canções: Chico Buarque**. São Paulo: Leya, 2009.

LYRA, Carlos. **Eu e a bossa**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

MATTOS, Sérgio. **História da Televisão Brasileira: Uma Visão Econômica, Social e Política**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Empresarial**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MELO, Cristina Teixeira V. ; GOMES, Isaltina Mello; MORAES, Wilma. **O Documentário Jornalístico, Gênero Essencialmente Autoral**. Intercom.org, 2001. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP7MELO.PDF>>. Acesso em: 02 jun. 2012.

MIGLIORIN, Cezar (org.). **Ensaio no Real**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.

NAVES, Santuza Cambraia. **Da Bossa Nova à Tropicália**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

NOBLAT, Ricardo. **A Arte de Fazer um Jornal Diário**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: Da Pré-Produção à pós-produção**. Campinas: Papirus, 2009.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... O que é mesmo documentário?**. São Paulo: Senac, 2008.

Revista **CINEMAIS**. Out. – Dez. num. 36, 2003.

RÜDIGER, Francisco. **Introdução à teoria da comunicação**. São Paulo: Edicon, 2003.

SACRINI, Marcelo. **Perspectivas do Gênero Documentário pela apropriação de Elementos de Linguagem da TV Digital Interativa**. Campinas.

SANTOS, Leonardo Vieira. **A Bossa Nova como legado turístico** – cultural para a cidade do Rio de Janeiro. Niterói, 2007. Disponível em:

<http://www.proac.uff.br/turismo/sites/default/files/LEONARDO_VIEIRA_DOS_SANTOS-tcc.pdf> Acesso em 06 jun. 2012.

SEVERIANO, Jairo. **Uma História da Música Popular Brasileira** – Das origens à Modernidade. Rio de Janeiro: 34, 2008.

SODRÉ, Muniz. **A Comunicação do Grotesco: Introdução à Cultura de Massa Brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1971.

SOUSA, Jorge. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media**. Porto, 2, 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pequisa-comunicacao-media.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2012.

WOLTON, Dominique. **É Preciso Salvar a Comunicação**. Tradução Vanise Pereira Dresch. São Paulo: Paulus, 2006.

ZAPPA, Regina. **Chico Buarque: para todos**. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1999.

ZAPPA, Regina. **Para Seguir Minha Jornada: Chico Buarque**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

**ANEXO – DOCUMENTÁRIO TELEVISIVO SOBRE CHICO BUARQUE DE
HOLANDA.**